

Conclusão

O primeiro capítulo deste trabalho nos fez perceber quão controversa é ainda a situação do III Is na pesquisa atual. As diferentes posições foram agrupadas em quatro blocos: os que, como Duhm, acreditam que os onze capítulos finais de Is são fruto de um único autor; aqueles que consideram que os oráculos são de autores e épocas diversas; os autores que vêem nesses capítulos uma ampliação do II Is; e, por fim, aqueles que consideram esses oráculos finais como uma ampliação de todo o livro de Is.

Diante da impossibilidade de se chegar a uma resposta satisfatória, alguns exegetas preferiram procurar um outro meio para compreenderem Is 56-66. Destaca-se o trabalho de Hanson, segundo o qual o pano de fundo que estaria por detrás desses capítulos seria uma controvérsia entre dois grupos sacerdotais: um levítico e outro sadocita. Inicialmente estes dois grupos seriam os responsáveis pelo culto prestado a YHWH no templo central de Jerusalém, mas posteriormente o grupo dos sadocitas assumiu de vez o controle do santuário central, ao passo que os sacerdotes levíticos passaram a officiar em outros santuários.

Na época do exílio, estando a elite sacerdotal (sadocita) no estrangeiro, o culto fica sob a responsabilidade dos sacerdotes levitas. Com o regresso dos exilados, os sadocitas tentam recuperar o poder que tinham antes e há novo choque de interesses entre esses dois grupos. Para autores que defendem essa tese, os oráculos do III Is refletiriam esse conflito religioso além de outros problemas como uma profunda crise social e econômica.

Is 56,1-8 parece ser bem delimitada sendo iniciada com a fórmula do mensageiro (כֹּה אָמַר יְהוָה) onde os vv. 1-2 funcionariam como uma introdução ao oráculo, bem como a toda a obra do III Is. Os vv. 3-7 estão estruturados quasticamente (queixa do estrangeiro, queixa do eunuco, resposta ao eunuco, resposta ao estrangeiro). O v. 8 conclui o oráculo.

No que tange ao gênero literário, os autores divergem em suas afirmações. No entanto, as opiniões que predominam consideram a passagem como uma torá sacerdotal ou uma torá profética.

Os vv. 1-2 são a chave que nos permite compreender o oráculo. Eles convidam os fiéis a guardarem o direito e a praticarem a justiça. Esses dois

conceitos (מִשְׁפָּט e צְדָקָה) que aparecem logo no v. 1 e depois se repetem no oráculo, são de capital importância. No v. 2 o profeta apresenta alguns meios de se praticar o que fora anunciado no v. 1: guardar o direito e praticar a justiça, noutras palavras seria, observar o sábado e estar firme na aliança de YHWH. O sábado, cuja importância primordial no pós-exílio se firmou, tornando-se a pedra de toque que identificava o autêntico judeu no exílio e após o mesmo, é também neste texto posto em relevo.

Os vv. 3-7 nos apresentam dois casos emblemáticos de proscritos da comunidade: o estrangeiro e o eunuco. O que o profeta faz é apresentar uma nova maneira de pertença à comunidade de YHWH.

Finalmente, no terceiro capítulo apresentamos algumas teorias sobre a situação de Israel no imediato pós-exílio. Havia um grande abismo social entre ricos e pobres e, muitas vezes, estes eram obrigados a penhorar seus bens e até suas famílias para obterem crédito em tempos de carestia. Neemias empreende uma primeira tentativa de reforma convocando o povo à uma anistia geral, mas essa medida não soluciona todos os problemas existentes.

Outro quadro dramático é ainda agravado pelo fato de a religião javista conviver com cultos pagãos, já que havia inúmeros estrangeiros no meio do povo, e até mesmo muitos judeus tinham se casado com estrangeiros. A solução apresentada por Esdras é a expulsão das mulheres estrangeiras e a dissolução dos casamentos mistos apelando para a lei de Dt 23,2ss. A partir do nosso estudo, concluímos que o oráculo de Is 56,1-8 reflete o temor dos estrangeiros num período imediatamente anterior a essa reforma. O profeta levanta sua voz em defesa dessas pessoas oferecendo uma interpretação alternativa à essa lei. O que caracteriza o autêntico membro do povo eleito, mais que vínculos de natureza étnica, seriam a fé e adesão pessoal ao Senhor.

Deus não somente aceita o eunuco e o estrangeiro, bem como admite que todos os povos, desde que verdadeiramente estejam dispostos a realizarem a sua vontade, se aproximem para servi-lo (v. 7-8). São promessas que dilatam os limites do povo eleito ao extremo, incluindo aí toda categoria de fiéis. O oráculo de Is 56,1-8 revela-nos um Deus que se volta para socorrer o homem ameaçado por camadas excludentes da sociedade. A promessa divina nos coloca num horizonte de pacificação, de novas soluções e perspectivas.